



CONTOS POPULARES ALEMTEJANOS  
(Recolhidos da tradição oral)

VII

O pinto borrachudo

Andava o pinto borrachudo esgrávetando no seu monturo, encontrou uma caldeirinha de prata e foi levá-la a palacio. Chegou e disse: Senhora rainha, venho trazer-lhe uma caldeirinha de prata até tal tempo,—e retirou.

Passado tempo lembrou-se da caldeirinha e disse:—já é tempo de ir a palacio buscar a minha caldeirinha. Pez-se o pinto a caminho e encontrou duas pedras—Aonde vaes, pinto?—O'ra vou a palacio buscar a caldeirinha que eu levei à senhora rainha até tal tempo.—Então também eu vou.—Pois vem, mette-te no meu rabo. As pedras assim o fizeram. Foi mais adeante e encontrou uma ribeira.—Pinto, onde vaes? Respondeu-lhé o mesmo.—Deixa-me ir contigo.—Vem, mette-te no meu robo. Mais

adiante encontrou dois lobos.—Olé, pinto, onde vaes?—Vou a palacio, buscar uma caldeirinha de prata, que lá deixei até tal tempo.—Deixei-me ir contigo.— pois vem, mette-te no meu rabo. Aqui foi o frango com esta familia toda. Chegou a palacio. A rainha: O que queres?—A minha caldeirinha.—O' tratante, então entregaste-m'a e agora vens busca-la! Peguem n'este pinto e mettam-n'o n'uma panella. Metteram o pinto na panella. Elle larga as duas pedras e começa Qui qui ri qui, que perca cá vae! Vão ver, e acham a panella com o fundo arrancado e duas grandes pedras.—Ai o frango é o demonio! Mettam-n'o no forno. O frango, vendo-se no forno, larga a ribeira: Qui qui ri qui, que perca cá vae! A rainha, muito zangada, mandou pô-lo na cavallariça para os cavallos o pizaram. Elle larga os dois lobos e começa: Qui qui ri qui, que perca cá vae! Vão ver e acham os lobos cômendo os cavallos. Tiveram os criados de ir matar os lobos, e a rainha mandou entregar a caldeirinha ao pinto e enxotal-o. Assim o fizeram e foi-se o frango muito contente.

## VIII

## Os apóstolos de S. Thiago

Era um homem que dava muito má vida à mulher.

Todas as noites era sóva, que feria. Morava uma visinha muito rica defronte d'ella, e perguntou-lhe um dia porque era que o marido lhe dava uma sóva todas as noites.—Ora não sabe a senhora porque é? Quando tem a ceia na tijela quere-a na panella, quando a tem panella quere-a na tijela—Ora, vocemecê pode remediar isso faça-lhe a metade na tijela e a outra metade na panella.— Diz a senhora muito bem, hoje hei-de fazer isso, e vamos a vêr o que elle faz. Veio o marido à noite, ella apresentou-lhe a ceia na panella. Depois diz elle:—Não te tenho já dito que não quero a ceia na panella? E ia para lhe querer bater, mas diz-lhe ella:—Cala-te, marido, que aqui tens a ceia na tijela, que eu fiz metade na panella e metade na tijela. O homem calou-se. E depois diz á mulher:—Vá-me fazer a cama no quintal, esta noite quero lá dormir. Depois de deitado começa a chamar a mulher.—Então tu vieste-me fazer a cama debaixo da estrada de S. Thiago, pode cahir de lá algum passageiro, e matar-me! E deu-lhe uma grande sóva, na mulher. E depois a visinha no outro dia perguntou-lhe: Então que foi, visinha, nunca fez o que eu lhe disse?—Ai, fiz, sim, minha senhora; quando elle me pediu a ceia, primeiro apresentei-lh'a na panella e como se zangasse apresentei-lh'a na tijela, e ficou calado. Depois manda-me a fazer

a cama no quintal; estando deitado, chama-me muito zangado, dizendo-me que lhe tinha ido fazer a cama debaixo da estrada de S. Thiago, podia cahir de lá algum passageiro e matalo, e por isto é que me bateu.—Pois deixe estar visinha, que á noite ha-de ser de outra maneira. Se elle á noite lhe queizer bater grite a visinha pelos apóstolos de S. Thiago, diga assim: Ai valham-me aqui os apóstolos de S. Thiago; vão lá os meus criados, cada um com um pan e dão-lhe uma sóva que elle não ha-de ficar com vontade de lhe bater mais em vocemecê. Assim foi Veio a noite: a mesma coisa, sóva na mulher. Depois ella chamou pelos apóstolos de S. Thiago. Foram os criados da visinha deram-lhe uma grande sóva que o deixarm quasi morto. Depois nunca mais bateu na mulher com medo dos apóstolos, e d'alli em diante levaram ambos boa vida. Seja Deus louvado, e está o meu conto acabado.

## IX

## Os tres irmãos

Era uma vez um pae, que tinha tres filhos, e pediram ao pae para irem a correr mundo. E depois foram por uma estrada adiante e encontraram um poço, onde vinham a dar tres estradas. E depois separaram-se, indo cada um d'elles por sua estrada, e ao despedirem-se fizeram a promessa de todos tres, ao fim de tres annos, chegarem ao meio dia àquelle sitio. Chegaram cada um a sua terra. O primeiro aprendeu a alfaiate, o segundo a sapateiro, o mais novo artemagia. No fim dos tres annos chegaram ao mesmo si-

tio. O alfaiate vinha muito assoeiado, com muito dinheiro, o sapateiro tambem vinha muito arranjado, e o mais novo vinha cheio de cinza, muito porco e não trazia coisa nenhuma. Quando se encontraram, e se falaram, tiveram desprezo os dois irmãos de verem assim o mais novo, e envergonhando-se de o apresentar ao pae d'aquella maneira, atiraram com elle para dentro do poço. Os dois foram para casa do pae. Este ficou muito contente por os ver, mas perguntou pelo irmão. Elles responderam que não sabiam d'elle. No fim de dois dias apparece elle à porta. (Como sabia artes, tirou-se do poço para fora). O pae, vendo-o assim admirou-se, e disse-lhe que os irmãos tinham vindo muito arranjados e elle n'aquella lastima. Elle respondeu que ainda havia de ganhar mais dinheiro que os irmãos. Que puzesse o pae uma estalagem, e elle fazia-se cão, e o pae havia de chamar por elle quando estivessem os hospedes e havia de dizer:—Tejo! vae-me comprar duas perdizes; e elle d'ahi a pouco apparecia com ellas na bocca. O pae assim fez, pôz a estalagem. Passaram por ali tres viajantes, e descaçaram. Depois o pae chamou pelo cão:—Chut, Tejo! vae comprar duas perdizes para estes senhores. E elle logo a saltar ia buscar. Agora elles, que viram o cão assim, d'aquella maneira, pediram ao dono da estalagem que lhes vendesse o cão, que pedisse o dinheiro que quizesse. E depois elle fallou a occultas com o pae e disse-lhe que o vendesse. O pae assim fêz. Pediu muito dinhei-

ro, e elles deram-lh'o e levaram o cão preso, e disse-lhes que não o soltassem senão lá muito adiante, que se visse algumas ávens havia de saltar, mas que não o soltassem senão lá muito adiante, quando estivesse esquecido da casa. Elles assim fizeram. Pelo caminho adiante, assim que via as ávens, a querer saltar para as apanhar. Elles que viram isto, ao fim de muito tempo soltaram-n'o e elle desapareceu. E lá muito adiante fez-se em homem e assentou-se n'uma pedra. Elles que iam a procural-o, viram aquelle homem e perguntaram-lhe se deu nota de passar por ali um cão. Elle responde—que tinha visto, mas onde iria elle! o que elle queria Voltaram ao estalajadeiro, mas qual historia! nunca mais o tinha visto. Elles perderam o dinheiro, ficaram sem o cão, e o pae ficou remediado. Deus louvado, conto acabado.

*Johel.*



## Miscelanea Folk-lorica



*(Continuado do n.º 7 do 7.º anno)*

—Arreguilla o direito que o esquerdo não tem geito.

—Este mundo é um baidallo de lagrimas.

—Cheirou-te como o cão de caça.

—Tens faro de cão

—Andas como o cão atraz da cadella

—Tens cara de cão.

Martim Mendes, recolheu quasi todas as maximas que dizem respeito ao cão, as quaes aqui tambem vamos archivar juntamente com as nossas; para que os leitores tenham tambem conheci-

mento d'este tão importante trabalho.

Eilas:

**O Cão a fazer figura em barda**

«Cão que ladra não morde.

Bafo de cão até com pão.

Cama de chão è cama Je cão.

Quem ama a Beltrão ama o seu cão.

Tanta vez vae o cão á vinha até que lá fica.

Não acordes o cão que dorme.

Quem dá pão a cão alheio, perde o cão e perde o pão.

Casa de ingrato, nem cão nem gato.

È cão de todas as bodas.

Casa de villão, nem gato nem cão.

Em se dizendo que o cão vae derramado todos lhe atiram uma pedrada.

Livra-te de cão, que não ladre e de homem que não falle.

Ladra tu, cão, e não me mordas.

Quem quer bom cão de caça hade-lhe procurar a raça.

As cadellas apressadas parem os filhos cegos.

Março, marceirão, pela manhã focinho de cão e á tarde sol de verão.

Março, marceirão, pela manhã dia bonito, á tarde cara de cão.

Quem acorda o cão dormido, vende a paz e compra arruido.

Inda que teu sabujo é manso, não o mordas tu no beiço.

Quem com farellos se mistura maus cães o comem.

Qual o cão tal é o dono.

Cão que muito ladra nunca bom para caça.

Agua e pão, comida de cão.

Ou para homem ou para cão, leva a tua espada na mão.

Cão de palheiro, nem come nem deixa comer.

A mulher e a cachorra, a que mais cala é a mais boa.

Melhor é agastar um cão que uma velha.

Em janeiro, nem galgo lebreiro, nem açor perdigueiro.

Março, marceirão, de manhã cara de cão, á tarde cara de rainha e à noite cavar com a foicinba.

Guimarães a cada porta sete cães.

Quem tem medo compra um cão.

Prezo por ter cão, prezo por não o ter.

Estão como o cão com o gato.

Fiel como um cão.

Passar como o cão por vinha vindimada.

Um pello de cão que vos morda.

A ferida do cão cura-se com o pello do mesmo cão

Quem seu cão quer matar, raiva lhe põe nome.

A grande cão grande osso.

A más horas não ladram cães.

Cão que não ladra guarda-te d'elle.

Cão que muito lambe tira sangue.

Na bocca do cão não busques o pão, nem no focinho da cadella a manteiga.

Amor de mulher e festa de cão só attentam para a mão.

Mal ladra o cão quando ladra de medo.

Nunca falta um cão que vos ladre.

Mettes o cão à mouta e tiras-te para fora.

O cão com raiva, de seu dono se trava.

O cão no osso a cadella no lombo.

Quem com cães se deita com pulgas se levanta.

Bom cão de caça até á morte dá ao rabo.

Cão azeiteiro nunca bom coelho.

Não crije cão quem lhe não sebeja pão.

Bole o rabo o cão, não por ti, senão pelo pão.

Perdido é o gado, onde não ha bom cão que ladre.

A cão mordido todos o mordem.

(*Continua*)

*José da Silva Vieira.*